

FMI convoca Galvêas e decide se dá sinal verde ao acordo com os bancos

por Paulo Sotero
de Washington

O ministro da Fazenda Ernane Galvêas era esperado no início da noite de ontem no Fundo Monetário Internacional (FMI), em Washington, pelo diretor-gerente da instituição, Jacques de Larosière, para o que fontes bancárias ouvidas por este jornal classificaram de "uma conversa muito importante". Desta conversa, disse um deles, "depende se de Larosière dará ou não o sinal verde ao comitê de bancos credores, sem o qual o acordo de reescalonamento plurianual (de US\$ 45,3 bilhões) da dívida externa brasileira (cujos termos já foram acertados) não será anunciado".

O fato de de Larosière não ter enviado a missão técnica do Fundo ao Brasil, viagem que, segundo Galvêas previra, na semana passada, deveria ter acontecido a tempo de se ter "tudo resolvido até 15 de fevereiro", e ter, desta forma, provocado uma ida do ministro da Fazenda até Washington, foi interpretada por fontes bem informadas como sinal de endurecimento da parte do diretor do Fundo. "A credibilidade de Larosière e do FMI perante a comunidade bancária está em jogo", disse a este jornal uma fonte financeira.

Galvêas, que desembarcou em Washington no início da tarde, procedente de Nova York, não conversou com jornalistas. Segundo fonte brasileira, o ministro da Fazenda teria também um encontro com o novo secretário do Tesouro norte-americano, James Baker. Consultado a respeito, o porta-voz do Tesouro, Robert Levine, não confirmou nem desmentiu o encontro: "A instrução que recebi foi a de dizer que não temos nada a dizer sobre isso", disse ele.

O ministro da Fazenda permaneceu em Washington e, segundo fonte brasileira, passará boa parte do dia de hoje reunido com Thomas Reichmann e Ana Maria Jul, os economistas do FMI que supervisionam o acerto brasileiro. Hoje é feriado bancário em Nova

York. O comitê de bancos credores da dívida brasileira tem reunião marcada para amanhã.

Dos encontros de Galvêas com Larosière e o "staff" do Fundo deverá sair a "determinação oficial", segundo a expressão de um banqueiro, sobre a performance da economia em dezembro e as chances de as metas de março serem atingidas. No início da semana passada, Galvêas admitira, em Nova York, que, em virtude do estouro da base monetária em dezembro, o Brasil terá de pedir "waiver", ou "perdão" ao Fundo, para receber os 343 milhões de direitos especiais de saque, que deveriam ser desembolsados nesta semana. O ministro reconheceu, na mesma ocasião, que as metas da sétima carta de intenções enviada ao Fundo teriam de passar por "ajustes".

O consenso, entre os credores, é de que o Brasil se desviou demasiadamente das metas do programa para tornar o programa contido na sétima carta aproveitável com os "ajustes" de que fala Galvêas. Tendo em conta isso e o calendário da transição de governo, "De Larosière tem uma decisão política a fazer", disse uma fonte. "Ele tem de decidir, primeiro, se ainda é o caso de continuar negociando com o atual governo, se Galvêas e os demais membros da equipe econômica têm credibilidade para definir novas metas um mês antes de deixarem o governo. De Larosière, não se esqueça, tem de preservar sua posição de barganha em relação ao governo Tancredo."

A disposição predominante no FMI parece ser a de cozinhar o galo até a posse do novo governo. Dois sintomas dessa disposição: uma semana depois de Galvêas ter anunciado que uma missão técnica do Fundo iria ao Brasil, não havia, até ontem, nenhuma viagem da missão marcada. Além disso, até sexta-feira passada, o programa brasileiro não fazia parte do cardápio de temas da reunião da diretoria do FMI prevista para o início do próximo mês.